



ÊLA É MUITO COBIÇADO: UM PRONOME NEUTRO QUE NÃO O É

Daniel Carvalho
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: danielcarvalho@ufba.br

Ian Jardim da Silva
Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil
Endereço eletrônico: ian_13_jc@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Na cultura e nas línguas ocidentais, as ações voltadas às línguas com expressão justa de gênero têm se concentrado principalmente em tornar as mulheres mais salientes e reduzir o chamado preconceito masculino (STAHLBERG et al., 2007). Desde os anos de 1970 até os dias de hoje, por exemplo, o movimento feminista questiona o uso de um pronome masculino genérico para se referir às pessoas em geral (MOULTON et al., 1978; MACKAY, 1980; PHILLIPS, 1981; MURDOCK e FORSYTH, 1985).

A literatura descreve dois tipos de língua neutros para gênero: “equilíbrio/feminização” e “neutralização” (CARVALHO, 2013, 2018). A feminização implica o uso de formas apropriadas ao gênero e é mais usada em línguas que possuem gênero gramatical (por exemplo, alemão, francês e português), por exemplo, adicionando versões femininas a títulos masculinos (por exemplo, *Lehrer/Lehrerinnen* para professores e professoras, respectivamente (STAHLBERG et al., 2001, 2007)). A neutralização é mais comumente empregada nas chamadas “línguas de gênero natural” (por exemplo, inglês, sueco, norueguês (cf. CARVALHO, 2013)) e implica que formas neutras sejam preferidas às formas flexionadas de gênero. Exemplos são o uso, no inglês, da palavra *parents* em vez de mãe e pai e a *humankind* em vez de *mankind* (pelo menos nos registros oficiais).

A implementação de uma expressão justa de gênero em uma língua é geralmente associada com reações negativas e usos ambíguos quanto à afetividade associada a essa representação.

A partir da tentativa de dessexualização do tratamento pronominal, o sueco adotou ações de política linguística na tentativa de neutralização pronominal. Nessa língua, uma



ação recente foi introduzir o pronome de terceira neutro para gênero *hen*, como complemento do paradigma pessoal sueco, que inclui ela (*hon*) e ele (*han*) (BÄCK et al., 2015). Nenhuma outra língua, até agora, implementou um terceiro pronome neutro em termos de gênero que realmente atingiu a população mais ampla de usuários de línguas.

Entretanto, de forma semelhante, o pronome *they* (eles/elas ou com leitura *pluralia tantum*) no inglês e *hän* (ele/ela ou com leitura *pluralia tantum*) no finlandês, são utilizados como formas pronominais de gênero neutro. Segundo Baron (1986), *they* singular como uma forma neutra de gênero pode ser encontrada ainda no século XVIII, mas seu uso como neutralizador de uma língua sexista ainda se limita a determinados grupos sociais.

Em 2004, o governo de Taiwan sancionou a Lei de Educação de Equidade de Gênero, que incentiva os alunos a não discriminar outros estudantes com base em seu gênero. Para tanto, o currículo das escolas taiwanesas recomenda o radical feminino para pronomes de terceira pessoa 她, em vez do radical masculino 他.

Em algumas variedades do português brasileiro, foram encontradas ocorrências de um novo pronome, o *êla* (['ela]), que seria a fusão fonética dos pronomes de terceira pessoa masculino (ele - ['eli]) e feminino (ela - ['ela]). Os usos de *êla*, entretanto, diferem do de *hen*. *Êla* é usado majoritariamente para se referir à indivíduos transgêneros femininos e é utilizado na maioria das vezes por indivíduos masculinos cisgêneros heterossexuais.

O presente trabalho tem como objetivo observar os usos do pronome *êla* no português brasileiro, apontando as motivações sociais que possam condicionar sua escolha. Os resultados preliminares apontam um uso predominante do pronome *êla* por indivíduos socioeconomicamente vulneráveis. Foi observada uma gradação quanto à afetividade ligada ao pronome: seu uso está vinculado a contextos em que indivíduos homossexuais cisgêneros e transgêneros femininos desempenham atividades associadas ao feminino, apresentando predominantemente representação de afeto negativo quando usado por indivíduos heterossexuais, por um lado, e afeto positivo quando utilizado por indivíduos LGBT. Este fator, a nosso ver, dificulta a implementação desse pronome na língua.



METODOLOGIA

Neste trabalho, de cunho descritivo e diagnóstico, foi utilizado um *corpus* para análise constituído por textos coletados em redes sociais online e letras de músicas populares e que são consumidas primordialmente pelas classes C e D na cidade de Salvador, Bahia com temas relacionados à comunidade LGBT. Complementarmente, na tentativa de se traçar um perfil do uso do *êla* e seu grau de aceitabilidade por falantes nativos de diferentes regiões do Brasil, de classes sociais e gêneros, foi feita uma consulta com 50 usuários na rede social Facebook através da ferramenta online *Google Forms*, com o seguinte perfil de gênero. Os resultados da consulta de aceitabilidade, foram construídos quadros percentuais com a finalidade de comparação dos resultados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com o Dicionário inFormal¹, *êla* é “uma combinação dos pronomes *ele* e *ela*. Usado para definir uma pessoa que não sabe se é “*ele*” ou “*ela*” ou que sabe ser um dos dois, mas quer continuar sendo um a aparentando ser outro gênero (masculino ou feminino); homossexual; viado, bicha, sapatão, lésbica.”

Já no fórum online *Orientando*², sobre identidades de gênero, encontramos a seguinte descrição de uma tentativa de neutralização pronominal no português e um dilema gramatical deparado: “Por exemplo, quando alguém diz que seu pronome é *ela*, você assume que seu artigo é *a*, e que você se refere à pessoa com palavras como *linda*, *agitada* ou *espontânea*. Mas e quando alguém diz que seu pronome é *ilu*³, ou *êla*?”

Entretanto, na análise do *corpus* constituído para esse estudo, a neutralidade é relativizada, pois os sujeitos que ilustram seu uso são sempre efeminados e, na maioria dos casos de uso encontrados, seu referente é uma pessoa transsexual feminina ou uma travesti e o valor social associado ao pronome é, na maioria das vezes, sexista e pejorativo. Um exemplo é seu uso na frase “Em Ubá, *êla* é muito cobiçado”⁴, encontrada na descrição de locais conhecidos na cidade de Ubá, no estado de Minas Gerais, em que

¹ Dicionário inFormal. Disponível em dicionarioinformal.com.br/ela. Acesso em 31/03/2019.

² Disponível em <https://orientando.org/forum/t/linguagem/>. Acesso em 31/03/2019.

³ Essa é a única ocorrência de *ilu* que encontramos e, por isso, não nos debruçamos ao seu estudo.

⁴ <http://desciclopedia.org/wiki/Ub%C3%A1>. Acesso em 31/03/2019.



a região chamada de Beira Rio é famosa pelas “mulheres-banana”. O autor da descrição utiliza a expressão pejorativa mulheres bananas para designar as travestis que utilizam o local para prostituição. Ainda, deliberadamente, o autor da descrição utiliza marcas flexionais no masculino para estabelecer a referência morfológica de gênero, representando o senso comum de que sexo é o que define gênero e, sendo assim, travestis são homens e devem ser tratados com marcas gramaticais no masculino.

Já a partir da consulta respondida por 50 participantes em formulário online, pudemos traçar um perfil social da amostra resultante: a) 40% dos participantes ouviram o pronome *êla* em uso, dos quais 70% são homens cisgênero, perfil que constitui maioria dos consumidores das músicas populares analisadas; b) dos que já ouviram o pronome *êla*, 20% o fizeram na mídia eletrônica ou televisiva, 50% em seu grupo de amigos, 25% em grupo de conversa do qual não fazia parte; c) apenas 14% já usaram o pronome *êla*, dos quais maioria usou para se referir a gays masculinos efeminados; d) sobre a possível referência do pronome *êla*, as respostas foram bastante variáveis, sendo as mais recorrentes: 34% com pessoas de qualquer gênero, 16% apenas com pessoas homossexuais masculinas e 10% apenas com pessoas transexuais femininas.

Curiosamente, na resposta em (d) acima, a maioria dos participantes que usariam o *êla* com pessoas de qualquer gênero nunca ouviram ou usaram o pronome.

Os resultados da consulta *online* de aceitabilidade do pronome através da ferramenta online *Google Forms* corroboraram os resultados do *corpus* usado na descrição do pronome neste trabalho, indicando um forte sexismo e questionável tentativa de real neutralização em seu uso.

CONCLUSÃO

A partir dos indícios encontrados nessa pesquisa inicial, somos levados a acreditar que o uso do pronome *êla* está associado a uma postura sexista do falante, enquanto sua percepção por falantes que não usam tal forma pode estar sendo influenciada por um viés ideológico guiado pela neutralidade de gênero como ideal.

Assim, pretendemos, como próximos passos da pesquisa, observar as atitudes (positivas e/ou negativas) diante do uso de um possível gênero neutro no português, baseada em variáveis como idade, orientação de gênero, sexismo e orientação política.



Concluimos, assim, que língua é vista como uma ferramenta importante para determinar gênero, ou seja, se algo está sendo percebido como feminina ou masculina, em que sexo, na maioria das vezes, impõe uma dicotomia. Isso implica que língua também poderia ser usada como uma ferramenta para estabelecer igualdade de gênero e desafiar as percepções de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Pronome Neutro; Esteriótipos; Identidade; Gênero.

REFERÊNCIAS

BÄCK, E.A.; LINDQVIST, A.; GUSTAFSSON SENDEN, M. *Hen can do it: Effects of using a gender-neutral pronoun in a recruitment situation*. Paper presented at the 8th Nordic Conferences on Language and Gender, Stockholm, p. 1-22, 2015.

BARON, D. E. *Grammar and Gender*. New Haven, CT: Yale University Press, 1986.

CARVALHO, D. S. Algumas considerações sobre a morfossintaxe de gênero. *Estudos linguísticos e literários*, v. 47, p. 30-46, 2013.

CARVALHO, D. S. Gênero e língua: entre a gramática e o social. *Roseta*, p. 1-3, 2018.

MACKAY, D.G. Psychology, prescriptive grammar, and the pronoun problem. *Am. Psychol* 35, 444-449, 1980.

MOULTON, J.; ROBINSON, G.M.; ELIAS, C. Psychology inaction-sex bias in language use-neutral pronouns that aren't. *Am. Psychol.* 33, 1032-1036, 1978.

MURDOCK, N.L.; FORSYTH, D.R. Is gender-biased language sexist? A perceptual approach. *Psychol. Women Q* 9, p. 39-49, 1985.

SENDÉN, G.M.; BÄCK, E.A.; LINDQVIST, A. Introducing a gender-neutral pronoun in a natural gender language: the influence of time on attitudes and behavior. *Front. Psychol.*, v. 6, artigo 893, p. 1-12, 2015.

STAHLBERG, D.; SCZESNY, S. Effects of the generic use of the masculine pronoun and alternative forms of speech on the cognitive visibility of women. *Psychol. Rundsch* 52, 131-140, 2001.

STAHLBERG, D.; BRAUN, F.; IRMEN, L.; SCZESNY, S. Representation of the sexes in language. In: FIEDLER, K. (ed.). *Social communication*. A volume in the series Frontiers of Social Psychology, 2007, p. 163-187.